

RAZÃO

APOSTANDO NA SUA INTELIGÊNCIA



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULCÃO

22

ANO V JANEIRO 2003

Nossa

GUERRA

é pela

PAZ

O grande escritor alagoano Graciliano Ramos dizia que toda vez que tinha vontade de matar um homem, escrevia um livro. A cultura é precisamente o contrário da violência. Ela tem o poder de mobilizar nossas energias mais criativas, saudáveis, construtivas, espirituais. O depoimento de Aldinei dos Santos Silva, em forma de carta, é um exemplo da potencialidade da cultura em transformar nossas vidas, mesmo nas situações adversas. Por isso esta edição do Radcal sobre a paz vem com inúmeras experiências, que mostram a cultura como uma arma poderosa contra a violência. A nossa guerra não é contra o nosso colega do lado. A nossa guerra é contra a desigualdade social, a fome, a ignorância, a desinformação, a burrice, a mesmice. Namore, faça um poema, dance um break, desenhe quadrinhos, pinte um quadro, escreva um artigo para o Radcal, coloque a beleza no colo. Nossa guerra é pela paz.

SEVERINO FRANCISCO • EDITOR DO RADCAL

Mudança Radical

ALDINEI DOS SANTOS SILVA • CALÇOENE, AMAPÁ

O Jornal Radcal mudou muito o meu modo de pensar e de agir. Para você ter uma idéia, em abril de 1999, fui preso e dentro da cadeia lia as edições passadas do Radcal e ele me mostrou uma nova razão de viver. No dia 12 de fevereiro de 2001, ganhei minha liberdade e foi por causa do Radcal que hoje eu tenho uma vida tranqüila e sou professor e aluno.

Estudo e aprendo no Radcal, gostaria de continuar recebendo o jornal com freqüência, se possível for, gostaria de ter o Jornal desde a primeira edição. Agradeço as pessoas que fazem o Radcal e queria deixar uma pequena frase para os jovens que têm acesso ao Radcal:

“É fim de tarde e aos poucos a luz do sol vai dando lugar às sombras da noite, o silêncio é quebrado com o som de uma sirene a ecoar no espaço. É o aviso de que está na hora de nos recolhermos ao silêncio para a leitura do boletim e em seguida à chamada. Novamente, estou na minha velha cela; o ranger da porta e o som do cadeado a se trancar parecem me saudar com um cordial boa noite. Deito-me em minha cama, única amiga e confidente de inúmeros pensamentos e tantas confissões, então, entrego-me a ler o Jornal Radcal e assim o sono me envolve, fazendo com que finalmente meu corpo tenha um pouco de descanso, pois é preciso que renove minhas forças para mais um dia de lutas e provações. (...) Eu me considero uma pessoa de sorte porque encontrei um amigo que foi o Radcal e foi por ele que aqui estou firme e feliz.”

O Jornal Radcal é uma realização da Fundação Athos Bulcão em parceria com o GDF, pelo convênio nº 631/95, com a Fundação Educacional do Distrito Federal, para distribuição gratuita em sala de aula aos 100 mil alunos das escolas de segundo grau.



A P O I O

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SECRETARIA DE ESTADO
DOS DIREITOS HUMANOS



COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS • SECRETARIA DE EDUCAÇÃO/FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DF • SECRETARIA DE CULTURA DO DF



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULÇÃO

SAN QUADRA 01, BLOCO "E"
70040-200 • BRASÍLIA/DF
TELEFONE: (61) 322-7801

www.fundathos.org.br
radcal@fundathos.org.br

PRESIDENTE
Joaquim Vaz de Mesquita

VICE-PRESIDENTES
Léa Emília B. Portugal
Embaixador Carlos Garcia

SECRETÁRIO-EXECUTIVO
Eduardo Cabral

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Graça Seligman

COORDENAÇÃO CULTURAL
Valéria Cabral

COORDENAÇÃO DE PROJETOS E PESQUISA
Verônica Maia

COORDENAÇÃO EDUCACIONAL
Geórgia Antony

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA
Rosanálha Maria

CONSELHO CURADOR
Brasil Helou, Christina Jucá,
Cláudia Pereira, Douglas Marques de Sá,
Eduardo Cabral (licenciado),
Evandro Salles, Grace de Freitas,
João Figueiras Lima (Lelê),
Jorge Jardim, Karla Osório, Silvio Zamboni,
Sueli Bellato, Tânia Staerke,
TT Catalão

CONSELHO FISCAL
Ana Przytyk, Frederico Viegas,
José Roberto Furquim,
Luís Hamilton Mendonça
Maria Luiza Brum, Munio Alves

RADCAL

COORDENADOR
Eduardo Cabral

EDITOR
Severino Francisco

EDITORA ASSISTENTE
Gabriela Goulart

PRODUÇÃO EDITORIAL
Gabriel Coaracy

PROJETO GRÁFICO
Marcelo Terraza [Artwork Design Gráfico]

CONSELHO EDITORIAL
Antenor Vaz (Aprendiz Comgás)
• Carlos Antônio Santiago (DEMETEC)
• Geraldinho Vieira (AND) • José Eurico
de Andrade (SEDUC) • Manoel Serrão
(FNMA) • Manoel Manrique (UNICEF) •
Pamela Nunes (Fundação Athos Bulcão)

CONSELHO EDITORIAL JOVEM
Adriano Duarte, Alaise Beserra, Allen
Guimarães, André Takashi, Anita Campos,
Camila Bordinha, Keila Santos, Lívio Félix,
Patrícia Osandón, Renato Araújo, Sérgio de
Cássio, Tais Peyneau, Wesley Silva

VOLUNTÁRIA
Carolina Mendes

COLABORADORES
Aldinei Silva, André Takashi, Anita Campos,
Gisliene Hesse, Tais Peyneau, TT Catalão

FOTOGRAFIA
Camila Bordinha, Gabriel Coaracy,
Janara Sousa, Milla Petrillo, Rayssa Coe

EQUIPE DE APOIO
Marcos Medeiros, Olegário Ribeiro

FOTOLITOS
Colorpress, DF

IMPRESSÃO
WEB Editora, DF



CAPA • Guernica, Pablo Picasso • reprodução

Gandhi

MESTRE ILUMINADO DA PAZ

O indiano Mahatma Gandhi continua uma fonte inspiradora para a não-violência

SEVERINO FRANCISCO • EDITOR DO RADCAL

Um homem com silhueta de faquir, semblante calmo, sempre vestido com roupas brancas de algodão, liderou uma guerra pela libertação da Índia contra o império britânico, sem disparar um só tiro. E venceu. Suas armas eram a não-violência, a não-cooperação, a desobediência civil, os protestos pacíficos, os jejuns, a verdade, o exemplo de vida, o amor. Sabia usar como poucos a mídia para propagar suas idéias. No momento em que o mundo é convulsionado por guerras globais e guerras cotidianas é fundamental evocarmos a figura inspiradora de Mahatma Gandhi, um dos maiores líderes da paz que já pisaram no planeta. Na Bahia, esse indiano iluminado suscitou o surgimento do bloco de afoxé *Filhos de Gandhi*, que utiliza a cultura afro para difundir a idéia da paz.

Para Gandhi, a não-violência não era apenas uma arma política; era um princípio espiritual que rege a vida do universo: “Onde existe amor existe vida; o ódio leva à destruição. O amor é a erva rara que transforma até mesmo um inimigo confesso num amigo. Essa erva viceja da não-violência.” É possível confundir a não-violência com a covardia. Mas a não-violência é precisamente o contrário da covardia: “A não-violência exige muito mais coragem do que a violência”, escreveu Gandhi. É que ele concebia e praticava a não-violência como uma postura ativa de transformação do mundo: “A não-violência e a covardia não combinam. Posso imaginar um homem armado até os dentes que, no fundo, é um covarde. A posse de armas insinua um elemento de medo, senão de covardia. A não-violência nunca deve ser usada como escudo para a covardia. É uma arma para os bravos”.

E Gandhi sustentou o peso dessas palavras com a sua vida. Em sua infância, nada indicava que ele seria um líder tão carismático. Ele nasceu em 2 de outubro de 1869, em Portbandar, pequena cidade da Índia. Nos primeiros anos de escola, foi um aluno pontual, mas medíocre. Aos treze anos, quando ainda era aluno do segundo ano do curso ginasial, Gandhi casou-se com Kasturbai, uma menina de treze anos, em um contrato arranjado pela família de ambos, segundo costume da Índia. A família o mandou estudar Direito em Londres. Os seus primeiros anos como advogado foram de fracasso. Mas, em sua passagem pela África do Sul, Gandhi começa a desenvolver uma série de ações de resistência passiva contra a injustiça, que contribuíram para a conquista de muitos direitos para os imigrantes indianos. De volta à Índia, Gandhi transformou-se em um líder carismático, capaz de arrebatrar multidões com suas palavras e com o seu exemplo de vida. Defendeu a dignidade do povo indiano contra o domínio do império britânico, enfrentando com desassombro prisões e ameaças, recorrendo sempre aos protestos pacíficos como instrumentos de luta, que culminaram com a independência da Índia em 1947. Em 1948, Gandhi foi assassinado a tiros por um fanático hindu.

Ele deixou como legado suas idéias e seu exemplo de vida: “Sei também que não conhecerei Deus se não combater o mal, mesmo que isso me custe a própria vida. (...) A não-violência é a lei de nossa espécie, assim como a violência é a lei dos brutos. O espírito está adormecido nos brutos e eles não conhecem qualquer outra lei que não a da força física. A dignidade do homem exige a obediência a uma lei superior...à força do espírito”.

“A não-violência exige muito mais coragem do que a violência. A não-violência e a covardia não combinam. Posso imaginar um homem armado até os dentes que, no fundo, é um covarde.” Gandhi

REPRODUÇÃO

Afro -revolução na favela

O PROJETO AFRO-REGGAE REVERTEU O QUADRO DE VIOLÊNCIA DE VIGÁRIO GERAL

Vigário Geral saiu das páginas policiais e foi parar nos cadernos de cultura dos jornais brasileiros. A transformação foi motivada pelo talento de uma moçada, que entrou de cabeça no universo da dança, da música e do batuque. O diretor do Afro-Reggae, José Júnior, 33 anos, e os músicos Jackson Inácio, 17, e Altair Martins, 20, conversaram com o Radcal.

Como começou este trabalho de cultura como resposta à violência?

O Afro-Reggae começou com um jornal que falava da cultura afro-brasileira, chamado **Afro-Reggae Notícias**. Oito meses depois da criação do jornal, nós iniciamos um trabalho na favela de Vigário Geral, um local que tinha vivido três fatos marcantes: uma guerra do narcotráfico de dez anos com a favela vizinha, Parada de Lucas, um arrastão na praia do Arpoador e uma chacina. A ideia era reverter aquele local de degradação social. As pessoas que compõem o

de Cultura. A partir daí a gente começou a fortalecer a auto-estima dos jovens e fazer com que Vigário Geral pudesse receber pessoas de todas as partes. Hoje, o Afro-Reggae trabalha em cinco favelas, tirando o jovem do narcotráfico e do subemprego. É uma metodologia de impacto e de curto prazo.

território neutro, é terra de ninguém. Se conseguir fazer com que haja uma identificação da escola com a comunidade o res-



Qual o poder de sedução do Afro-Reggae? Como vocês conseguem tirar os jovens de coisas negativas que competem com a arte?

A cultura pela cultura é muito boa, mas a cultura pelo profissionalismo é muito melhor. Hoje o cara que é do Afro-Reggae é remunerado. O que a gente tenta fazer é que esses jovens comecem a planejar como chegar à universidade, trabalhar em outras áreas. Não é a arte que vai resolver os problemas. Ela é um dos instrumentos que podem amenizar os problemas.

É possível solucionar o problema da violência nas escolas?

A partir do momento que se possa remunerar melhor os profissionais e ocupar o tempo ocioso, sim. Hoje é muito legal ser rebelde, botar dinamite na escola, passar droga, fumar maconha. Há uns dez anos, a escola era um espaço sagrado. Hoje, tem escolas cravadas de tiro, não é mais um

peito volta. Se houver mais participação dos pais e dos alunos, se os grêmios forem resgatados para que os alunos tenham voz ativa, eles mesmos tornam-se interlocutores desses problemas. Ninguém melhor que o jovem para solucionar os problemas dos jovens.

Vocês podem contar algumas histórias de transformação?

A banda inteira nasceu no meio da violência e é exemplo de como é possível essa transformação positiva. Seria muito fácil revoltar-se e entrar para o tráfico, pegar a arma e ganhar até 600 reais por dia, comer bem, ter moral com a comunidade. Talento é o que não falta, o que falta é gente com coragem e com o ideal de capacitar as pessoas para lutar contra a criminalidade, o racismo e a violência por meio da cultura e da arte. Quando eu era criança, eu me inspirava no traficante. Na brincadeira de polícia e ladrão, ninguém queria ser a polícia. Hoje, um dos nossos subgrupos, chamado Afro-Lata, é formado por meninos que, sem estrutura, começaram a pegar lata, galão e outras coisas que reproduzissem um som parecido com o nosso. A gente é o espelho para esses meninos. Isso representa um outro futuro para eles. E a partir dali que os horizontes se abrem. Eu não conhecia cinema, teatro, escola, antes de entrar no Afro-Reggae. Enquanto muitos amigos foram para o tráfico, nós seguimos um caminho muito mais longo, mas a gente está vivo até hoje. O líder do tráfico no Vigário tem 17 anos.

Capa de revista, folha de jornal. Somos o Afro-Reggae, de Vigário Geral!!

Grupo Cultural Afro-Reggae não tinham nenhuma experiência, mas tinham muita utopia. Essa foi a combustão principal para criar o Afro-Reggae.

Que resultados vocês conseguiram com esse trabalho?

O primeiro sintoma de mudança aconteceu em 95, quando conseguimos levar o Caetano Veloso e a Regina Casé a Vigário Geral para batizar a banda Afro-Reggae. Foi a primeira vez que Vigário Geral saiu das páginas policiais e apareceu no Caderno

Letras elétricas

GABRIELA GOULART • FOTOGRAFIAS MARCUS ANDRÉ

O espírito do rock invadiu a literatura!! O guitarrista dos Titãs, Tony Bellotto, além de apresentar o programa do Canal Futura, Afinando a Língua, em que ensina português a partir de clipes musicais, já escreveu três policiais e um livro sobre a profissão de guitarrista. O Radcal bateu um papo com ele.



Como foi despertada a sua paixão pelos livros?

A paixão nasceu como leitor. Quando comecei a me interessar por arte e gostar de rock, tocar violão e guitarra, eu fiquei fascinado pela figura do escritor, essa pessoa que consegue inventar as histórias. A partir de então, comecei a

nutrir o sonho de ser escritor, só que eu não escrevia. Quando eu era garoto, os livros que mais me marcaram foram o *Moby Dick*, do Melvin, *A Ilha do Tesouro*, do Stevenson. *O Apanhador no Campo de Centeio*, do Salinger, também é deslumbrante porque inspira não só a escrever, como a viver. Também gosto muito do *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, porque são livros surpreendentes. Às vezes as pessoas nem sabem disso porque só vêm Machado de Assis como uma leitura obrigatória para a escola, mas se você ler com a cabeça aberta, não pensando em vestibular, vai ficar surpreso como ele é inventivo e genial no jeito de compor a narrativa.

A escola teve alguma coisa a ver com esse fascínio?

Eu tive uma professora na 8ª série que me entusiasmou a gostar de literatura. Mais do que a escola, é o amor que os professores têm pelo que eles fazem e que acaba te motivando.

Nessa época, tentei escrever alguma coisa, mas nada muito sério. Só mesmo depois dos 30 anos é que me disciplinei e tive uma certa tranqüilidade para me aventurar a escrever. A inspiração apenas não garante nada, ela é só o desejo de fazer.

Rock tem a ver com literatura?

Eu posso estar viajando, mas eu vejo uma ligação entre a literatura policial e o rock porque os dois são frutos da mesma cultura. Essa literatura policial que nasceu nos anos 30, nos Estados Unidos, assim como o rock, não era uma arte feita para iniciados, tinha uma concepção industrial da arte, livros baratos para vender em muita quantidade. Até esteticamente, os dois têm uma postura transgressora, menos apegada aos acadêmicos. A literatura policial é uma literatura de entretenimento, mas fala de coisas essenciais, como a morte e o sexo.

Você teria alguma sugestão de como esse tesão pela literatura poderia ser despertado na escola? Acho interessante o professor descobrir bons

textos, como contos, textos menores para começar esse estímulo. Às vezes a garotada tem preguiça de enfrentar um livro inteiro. Uma coisa que é legal é estimular as pessoas a escrever. Ler um texto e cada um escrever um conto para ver que aquilo é prazeroso e que você pode mexer naquilo, que a literatura é de todo mundo, é de quem quiser, que nem o rock mesmo. Pegue o seu instrumento e faça a sua música.

Que recado você manda para o pessoal que lê o Radcal? Leiam. Por meio dos livros você tem como conhecer o mundo, conhecer a natureza humana, conhecer a você mesmo. A gente pensa que o livro é chato, mas existe muita vida ali dentro. No momento em que embarca nele e começa a viajar e entender o que está rolando, o livro é um objeto cultural único. Se dêem o direito de ler sem preconceito e curtir a grande viagem que é a literatura. Ela é a grande educação que qualquer um pode ter, independente da escola. Se você não gostou de um livro, feche e tente outro.

A obra de Bellotto

BELINI E A ESFINGE • COMPANHIA DAS LETRAS

BR 163 • COMPANHIA DAS LETRAS

BELINI E O DEMÔNIO • COMPANHIA DAS LETRAS

O LIVRO DO GUITARRISTA • COLEÇÃO PROFISSÕES • COMPANHIA DAS LETRAS



A

TAMBÉM DEPENDE DE VOCÊ

PROGRAMA PAZ NAS ESCOLAS

O que fazer diante das cenas de abandono e violência nas escolas? As experiências apoiadas pelo Programa Nacional Paz nas Escolas mostram como é possível promover a cultura de paz mesmo em tempos de extrema violência.

Em uma escola da Vila Brasilândia, periferia de São Paulo, a situação parecia irreversível: carteiras quebradas, muros pichados, estudantes e professores totalmente desmotivados. O fato de um aluno ter matado sua colega por um par de tênis foi a gota d'água para o início de uma revolução pela paz. A capacitação dos professores, a reativação do grêmio e do jornal escolar e a recuperação do patrimônio com a ajuda da comunidade e dos funcionários começou a mudar a cara da escola. A experiência deu tão certo que serviu de estudo de caso para a fundamentação do Programa Nacional Paz nas

Escolas, da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça.

O programa promove a capacitação de educadores e policiais, investe em estudos e pesquisas na área de violência escolar, fortalece as organizações da juventude e apóia projetos de redução da violência desenvolvidos por organizações não-governamentais.

Cenas de intolerância, desrespeito, desânimo, depredação podem acontecer em qualquer escola brasileira. Somos, ao mesmo tempo, vítimas e agentes da violência. E qual a contribuição de cada um de nós para promover a paz? Estudantes, policiais, educadores, pais, artistas e pessoas da comunidade de 17 estados brasileiros que participam do Programa

Nacional Paz nas Escolas já começaram a reagir diante dessas situações. São pessoas inquietas, que não perderam a capacidade de se scandalizar diante de toda forma de violência e humilhação. São homens e mulheres que se perguntaram pelas causas da violência e conseguiram superar a passividade e impotência para promover a solidariedade. São meninos e meninas que revelaram a sua criatividade e resistência. São professores que exploram a dimensão ética da educação, são policiais que trabalham valores como a solidariedade e a justiça.

Conheça algumas iniciativas que estão mudando a cara das escolas brasileiras. Você pode conhecer outras experiências no site do programa:

www.mj.gov.br/sedh/paznasescolas



Grêmio em forma

O Instituto Sou da Paz, de São Paulo, divulgou uma cartilha com dicas para a formação de grêmios estudantis, modelos de estatuto e atas para a sua organização. Divulga também a história do movimento estudantil brasileiro.

- Contato: Instituto Sou da Paz, tel: (11) 3812-1333 (Luciana Guimarães)



DIVULGAÇÃO

Bornal de Jogos da Paz

Os tradicionais deveres de casa foram transformados em brincadeiras pelo projeto Bornal de Jogos de Paz, do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD). Nas escolas da rede pública da cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, crianças, adolescentes e professores confeccionam jogos, brinquedos, dinâmicas e estratégias de comunicação. Os indicadores para avaliar a qualidade dos projetos são: harmonia, felicidade, estética, protagonismo, eficiência, criatividade, transformação, dinamismo, coerência e apropriação.

- Contato: CPCD, tel: (38) 3721-6623 (Doralice Barbosa Mota)

Fala Juventude nas Escolas

Atenção, amigo ouvinte! O recreio nunca mais foi o mesmo nas escolas de Macapá (AP) depois que os alunos começaram a fazer os seus próprios programas de rádio. No projeto *Fala Juventude nas Escolas*, da Associação Amapaense de Apoio à Juventude, meninos e meninas estão aprendendo os segredos da produção, locução e sonoplastia.

- Contato: Associação Amapaense de Apoio à Juventude, tel: (96) 212-1110

Ciranda da Paz

O Centro Brasileiro de Memória Política – Movimento Tortura Nunca Mais, de Pernambuco está mobilizando toda a cidade do Recife, além de 13 municípios da região metropolitana, em torno da criação de uma cultura de paz e não-violência. A proposta conta com a adesão de professores, alunos, representantes da comunidade e policiais, que estão intervindo diretamente para a redução da violência.

- Contato: Movimento Tortura Nunca Mais, tel: (81) 3227-2847 (Amparo Araújo)



Reflexão para uma Atuação Educacional da Guarda Civil da Cidade de São Paulo no Atendimento à População

Os guardas civis da cidade de São Paulo estão muito mais próximos da comunidade. Eles participam de um projeto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), que oferece capacitação em direitos humanos. A idéia é que eles atuem como agentes educacionais nas escolas e ampliem a sua compreensão sobre as causas da violência e sobre a construção da paz.

- Contato: (PUC), tel: (11) 3670-8000, (Stela Graciani)

Polícia solidária

Os cadetes da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros da região metropolitana de Belo Horizonte estão entrando nas escolas para aprender e ensinar noções de direitos humanos, cidadania e solidariedade. Eles participam do projeto Polícia Solidária, uma parceria do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), Secretaria de Justiça e Direitos Humanos de Minas Gerais e Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, que lança a reflexão sobre o papel dos policiais na comunidade e na escola.

- Contato: CPCD, tel: (31) 3250-7148 ou Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, tel: (31) 3330-4003

Adolescentes Brasileiros pela Paz nas Escolas

O Centro de Voluntariado de Rio Claro (SP) (CVRC), que atua em onze cidades, estimula a participação dos adolescentes na construção de uma cultura de paz, propondo atividades que extrapolam a sala de aula e atingem a escola, a família e a comunidade. O CVRC é integrante do Movimento de Adolescentes Brasileiros (MAB), que reúne 50 grupos de adolescentes de todo o Brasil e promove o Encontro Nacional de Adolescentes (ENA) de dois em dois anos.

- Contato: tel: (19) 533-3144 (Maria Teresa Machado Luz)

Policial maluquinha



GABRIEL COARACY

No auditório de uma escola da periferia de Belo Horizonte, enquanto rola o clipe do Rappa *A Paz que eu quero*, mostrando cenas de violência na favela, a major Miriam Assumpção chega com toda a parafernália da tropa de choque: colete à prova de balas, capuz preto, revólver, coturno, boné e cassetete. A farda, que intimida, provoca medo e afasta, vai sendo tirada aos poucos. É como se a major tivesse desconstruindo os símbolos da violência, se humanizando, se aproximando e se abrindo para o diálogo. Ela chegou para propor estratégias de paz para aquela escola. Depois de sugerir um concurso de músicas, que mobilizou os estudantes, ela implantou um projeto que hoje corre sob organização da própria comunidade, já que a Major Miriam foi remanejada para a função de assessora de comunicação na Polícia Militar. Mas ela registrou o seu caminho no livro *A major que tirou a farda*, Editora Qualitymark. E segue pelo Brasil abrindo o jogo sobre as tradições da Polícia, os desafios e as respostas que encontrou na organização da comunidade, na mobilização dos estudantes pela paz.

- Contato: (31) 3239-2605 stripcop@hotmail.com



QUEM FICA

Homem animal político não nasce totalmente gente, nasce ser, precisa aprender humanidade: nossa conquista natural; homem animal político, se abrir mão da política e virar pasto normal, ficar na platéia, passivo, passado, pastel, passional, vai virar besta abestada, dominado, domado, meio homem, inteiro imbecil, só animal...

TT Catalão

charmosa do rebelde para um ator a fim de fazer. A fim de interferir no meio. Mesmo em minoria, mesmo na contramão, mesmo correndo o risco de perder uns amassos, pois está sempre de antena ligada (o que pode beirar a chatice se não for maneira).

Política bem que poderia ser uma palavra resultado de juntar Polis (do grego, cidade) com Ética (que significa conduta, segundo consenso), daí que política seria polis+ética, polisética, um código do coletivo, do bem comum, do “felicidade só rola se mais gente compartilha sem ser privilégio de poucos em uma ilha...”

Os partidos estão aí com discursos cheios de palavras que se igualam para fazer o ganho dos marqueteiros – veja as prostituídas palavras cidadania e paz como são usadas em vão. A diferença vai estar em quem pratica. Quem mostra na carne, em atos, que o discurso ganhou o curso da vida, entrou na área e luta na cara da realidade.

É bom se ligar nesse discurso cheio de manha, com ar de “verdade-muderninha” proclamando a política como “um saco”, “uma podridão”, onde são todos, os políticos, “farinha do mesmo saco”. O papo não surgiu do nada: basta ver o viciado noticiário para ver que o círculo vicioso da canalha chega ao poder e o desonra com uma cara-de-pau patética.

Mas, e daí? Se a moçada entra no dane-se do nada vale a pena é que a coisa não muda.

Achar política um saco é ótimo para alimentar a corja oportunista, que vive, exatamente, às custas da omissão nossa de todo dia. O primeiro passo da consciência é a ciência, tomar sentido da merda. Pegar o tino dos fatos para ver a origem da coisa. Ter ciência é só a primeira etapa: ficar sabendo. Mas conhecer, registrar, perceber o podre não basta para adquirir uma consciência capaz de reagir, mobilizar, inventar, mexer no jeito de entrar na guerra.

Se a gente se assusta com o cinismo com que se faz a política-politiqueira-politicanalha e tira o time, indignado até, com umas frases bonitinhas para mandar uma grife de rebelde, o campo vai ficar limpo para a patifaria esperta, doida para não ter concorrência forte de gente consciente.

Entrar na zorra também não é de cara sair por aí como papagaio ideológico, revolucionário de crachá, doutrinado cego com ar de Igreja Universal do Reino da Esquerda. É entrar no jogo mantendo a massa crítica. Saindo da mochilinha

Caráter de um político também está na cara. É a coisa mais fácil de saber só ao ver seus atos. Ver se conferem a carinha linda, a sedução do papo e o desempenho legal como ator ou atriz, com a vida que levam, levaram e dão bandeiras que pretendam levar.

Vejam as alianças. A história. E

política” que mais gente, em justo nojo, vai querer distância dessa gente imunda.

Mas é isso que eles querem. Sua raivinha que dá e passa. Seu fdp entre um gole e outro que esvazia até a última bronca. Seu silêncio, embora ruidoso, que fica à parte. Berra de fora enquanto se ferra! Xinga no gueto e mais



isso vale para esquerda, centro, direita, marginais-de-retaguarda, tiranos-de-vanguarda, todo o balaio. Acontece que quando a vida vira dogma, mesmo discursos certinhos camuflam autoritários cheios de boas intenções.

Daí é que não dá para saltar fora assim, no clima “num-tô-nem-aí”. Se o cara não está nem aí, pilantras vão estar lá. No poder jogarão com verbas que o imposto suado dos salários verteram; vão aprovar leis ridículas e impedir a aprovação de leis para a vida; vão castrar as liberdades individuais; sonegar as coletivas; mentirão mais e emporcalharão tanto a “atividade

fica na periferia, nas beiras, sem chegar ao ponto que eles detestam: tomar suas cadeiras e levantar novas bandeiras livres dessa gosma corrupta, visgo de ladroeira...entrar na festinha deles e mostrar que tem música e balanço novo na brincadeira. É agora ou já...ou serão permanentes no poder os mesmos, aqueles, os de sempre, os imperadores da roubalheira. O mal não está na política. Se o mal está em maus políticos. Mude o tom. Construa os bons. Batalha ou vai cair na velha malha. Ou vamos ficar irritadinhos o tempo inteiro enquanto eles minam, mamam e mandam?

MUNDO, NÃO MUDA



O Analfabeto Político

O PIOR ANALFABETO É O ANALFABETO POLÍTICO.

ELE NÃO OUVE, NÃO FALA,

NEM PARTICIPA DOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS.

ELE NÃO SABE QUE O CUSTO DE VIDA,

O PREÇO DO FEIJÃO,

DO PEIXE,

DA FARINHA,

DO ALUGUEL,

DO SAPATO

E DO REMÉDIO

DEPENDEM DAS DECISÕES

POLÍTICAS.

O ANALFABETO POLÍTICO É TÃO BURRO

QUE SE ORGULHA

E ESTUFA O PEITO

DIZENDO QUE ODEIA A POLÍTICA.

NÃO SABE O IMBECIL

QUE DA SUA IGNORÂNCIA POLÍTICA

NASCE A PROSTITUTA,

O MENOR ABANDONADO,

O ASSALTANTE

E O PIOR DE TODOS OS BANDIDOS,

QUE É O POLÍTICO VIGARISTA, PILANTRA,

O CORRUPTO E LACAIO DAS

EMPRESAS NACIONAIS E MULTINACIONAIS.

BERTOLD BRECHT

As alucinações deste mundo globalizado

QUERO ESCANCARAR O GRITO
AMORDAÇADO, TORTURADO NA TIMIDEZ
QUE O SILÊNCIO SAIA COM O RABO ENTRE AS
PERNAS
CHEGOU A MINHA VEZI
SE O MEU POVO CHORA, NÃO AGÜENTO
IGNORAR VÊI, TANTO SOFRIMENTO!
E SE VOCÊ SE ASSUSTA COM A MINHA EXPRESSÃO
DIZ QUE O MEU FALAR, MEU ANDAR É DE LADRÃO
DISCRIMINAÇÃO NÃO, AQUI NÃO COLA!
DIVERSIDADE CULTURAL É A MINHA ESCOLA
FALO GÍRIA SIM, NÃO TENHO VERGONHA
FUMO CONHECIMENTO E NÃO MACONHA
CHEIRO POESIA, PARA SER FRANCO
NÃO ENCHER O BOLSO DO TRAFICANTE DE
COLARINHO BRANCO,
MEGAEMPRESÁRIO, BANQUEIRO,
DESSE TIPO DE GENTE QUE A GENTE NEM SENTE
O CHEIRO
DEPUTADO, SENADOR, CORONEL
CIDADANIA QUE NÃO SAI DO PAPELI

TRECHO DO RAP **AS ALUCINAÇÕES DESTA MUNDO GLOBALIZADO**, DE ROBSON FERREIRA SANTOS, INTEGRANTE DO CRIA, DO GRUPO DE RAP ÚLTIMO TREM E ARTE-EDUCADOR DO MOVIMENTO HIP-HOP POSSE ORI, EM SALVADOR, BA

ÓLEO SOBRE TELA • NIZAN GUANES E SÉRGIO GORDILHO



ILUSTRAÇÃO DA URNA, MÁRCIO CURIA, COLABORAÇÃO DE DENISONBRASIL



Largada 2000

Alunos do ensino médio de escolas públicas do Distrito Federal começam a colocar em prática seus projetos

O Programa Largada 2000 está agitando várias escolas públicas de ensino médio no DF. São tantos projetos fervilhando, que precisaríamos de uma edição dupla do *Radcal* para mostrar tudo. Resultado de uma aliança social estratégica do Instituto Ayrton Senna com a TCO Telebrasil Celular, com o apoio institucional do Sesi, o programa contribui para o crescimento do aluno, da escola e da comunidade. Realizado em outros seis estados brasileiros, o Largada 2000 chegou a 25 escolas do Distrito Federal com a parceria da Fundação Athos Bulcão. Vamos dar uma olhada no que está acontecendo em algumas escolas...

• CED 02 DE SOBRADINHO

ESTÁ MUITO UNIDO PELO LARGADA. HOUE ATÉ UM DIA DE LANÇAMENTO OFICIAL DO PROGRAMA, QUE FOI O DIA DA ÁRVORE. DENTRE AS DIVERSAS ATIVIDADES, DESTACAM-SE A OFICINA DE VITRAL DO PROFESSOR GG, A GINCANA PELA PAZ, QUE ENVOLVE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E DO MAGISTÉRIO EM ATIVIDADES ESPORTIVAS E DE CONHECIMENTOS GERAIS, E O PROJETO DOS ALUNOS DO MAGISTÉRIO DE ESTUDOS EM GRUPO PARA O PAS.

• CEM 01 DO PARANOÁ

TEM SUA PRÓPRIA RÁDIO E SEU SITE (WWW.CEM01PARANO.A.HPG.COM.BR), ELABORADO E ATUALIZADO INTEIRAMENTE PELOS ALUNOS. ALÉM DE MOSTRAR OUTROS PROJETOS E NOTÍCIAS DO COLÉGIO E DA COMUNIDADE, O PESSOAL DO SITE ESTÁ PROMOVENDO CONCURSO PARA A LOGOMARCA DO COLÉGIO. HÁ, TAMBÉM, O GRUPO ENIGMA, DE STREET DANCE, E O GRUPO DE HIP HOP, QUE FAZ MÚSICA, ESTUDA E DISCUTE O MOVIMENTO.

• CEM 01 DE BRAZLÂNDIA

EM BRAZLÂNDIA, HOUE A MOSTRA DE CIÊNCIAS, CULTURA E TECNOLOGIA. O COLÉGIO INTEIRO MOBILIZOU-SE NUM MEGAEVENTO INTERNO, DISCUTINDO VÁRIOS TEMAS, COMO SAÚDE, MEIO AMBIENTE E PROBLEMAS SOCIAIS, ALÉM DE PROMOVER ESPAÇO PARA APRESENTAÇÕES MUSICAIS. A ORGANIZAÇÃO E A ESTRUTURA DO EVENTO ESTAVAM IMPECÁVEIS.

• CEM 01 DO GAMA

TAMBÉM PROMOVEU SUA FEIRA DE CIÊNCIAS E CULTURA, COM DIREITO ATÉ A UMA EMISSORA SIMULADA DE TV. O EVENTO TEVE, COMO UM DE SEUS MOMENTOS MAIS ALTOS, O CABARÉ DO VOLTAIRE, UMA TEMPESTADE TEATRAL INTERATIVA QUE MOBILIZOU TODOS OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO. FIGURINO, SONOPLASTIA E ATUAÇÃO, TUDO FEITO PELOS ALUNOS, SOB A SUPERVISÃO DO PROFESSOR EZEQUIAS. A FEIRA FOI O BERÇO DE VÁRIOS PROJETOS QUE AGORA ESTÃO INSCRITOS NO LARGADA.

• CEM 02 DE PLANALTINA

INAUGUROU A PRAÇA SEMPRE VIVA. COM O OBJETIVO DE SE UNIREM, OS ALUNOS, PREOCUPADOS EM RESGATAR VALORES, RESOLVERAM APROVEITAR PARTE DA ÁREA VERDE DO COLÉGIO PARA CONSTRUIR UM ESPAÇO ABERTO A DIVERSAS ATIVIDADES. A PARTIR DE ENTÃO, OS ALUNOS PODEM LER, TOCAR, ENCENAR, DISCUTIR E DIVERTIR NOS HORÁRIOS LIVRES. HÁ, TAMBÉM, O JORNAL ANTENADO, QUE VEICULA NOTÍCIAS DO COLÉGIO E DA COMUNIDADE.

• CEM 01 DA CANDANGOLÂNDIA

ELEITO O PROFESSOR DO ANO PELA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CARLOS ANCHIETA, DESENVOLVE A INDEPENDÊNCIA E O ESPÍRITO COLETIVO COM SEU GRUPO DE TEATRO. OS ALUNOS ESBANJAM BOM HUMOR, TALENTO E UNIÃO NO ESPETÁCULO "A PENA E A LEI", DE ARIANO SUASSUNA, INSCRITO NO FESTIVAL DE TEATRO NA ESCOLA, PROMOVIDO PELA FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO.

• CEAN • ASA NORTE

O COLÉGIO TEM UM GRANDE PROJETO, QUE É O "OCEANO VERDE". ELE ENGLOBALA INÚMEROS SUBPROJETOS, TAIS COMO MINHOCÁRIO, HORTA PERMACULTURAL (EDUCAÇÃO AMBIENTAL - INTEGRAÇÃO HOMEM-NATUREZA), CULTIVO E ESTUDO DE PLANTAS MEDICINAIS. NO PROJETO PÔR-DO-SOL, OS ALUNOS FAZEM APRESENTAÇÕES MENSAIS, REVELANDO TALENTOS PARA A MÚSICA, A DANÇA, A POESIA E O TEATRO. HÁ TAMBÉM O TRABALHO VOLUNTÁRIO COM COMUNIDADES CARENTES.

• CEM 09 CEILÂNDIA

EXISTE O PROJETO "JUVENTUDE: A LARGADA DA CONSCIÊNCIA SOCIAL". EM JUNHO, FOI REALIZADO UM GRANDE SEMINÁRIO, A PARTIR DO QUAL FORAM CONFECCIONADOS MURAIIS E PAINÉIS DISCUTINDO QUESTÕES COMO DRAMAS E CONFLITOS DA JUVENTUDE, CIDADANIA E PROTAGONISMO JUVENIL. O PROFESSOR GADELHA, DE FILOSOFIA, PROMOVE UMA AUTO-AVALIAÇÃO PERMANENTE NA SUA AULA PARA ESTIMULAR A AUTO-ESTIMA E A AUTONOMIA DOS ALUNOS.



Selo é esporte.



Colecione.

Quem coleciona selos, coleciona também troféus, recordes e vitórias, pois um selo é a melhor maneira de lembrar das conquistas dos nossos ídolos. Para começar sua coleção, você só precisa fazer o mesmo que os atletas: mova-se! Acesse www.correios.com.br ou vá à agência mais próxima e adquira os selos de sua preferência.



* Imagem ilustrativa para fins promocionais.



GABRIEL COACCY



GABRIEL COACCY

AS FORMAS E CORES DOS MONUMENTOS DE BRASÍLIA CRIADOS PELO ARTISTA PLÁSTICO ATHOS BULCÃO INSPIRARAM OS ALUNOS DA 5ª E 6ª SÉRIES DA ESCOLA PARQUE 210/211 NORTE A CRIAREM SUAS PRÓPRIAS OBRAS DE ARTE. ORIENTADOS PELAS PROFESSORAS SANDRA (DE ARTE CONTEMPORÂNEA) E CRISTINA (DE PINTURA), ELES TRABALHARAM TRÊS VERTENTES DA OBRA DE ATHOS: AZULEJOS, MÁSCARAS E O CARNAVAL DOS ANOS 40. ATHOS BULCÃO QUE, AOS 83 ANOS, CONTINUA MANDANDO VER NOS DESENHOS, PINTURAS E PAINÉIS, FOI CONFERIR A EXPOSIÇÃO E FICOU MARAVILHADO. SEGUNDO A PROFESSORA SANDRA, O TRABALHO FOI FUNDAMENTAL PARA AS CRIANÇAS PERCEBEREM A RIQUEZA DA PAISAGEM DE SUA CIDADE.



GABRIEL COACCY

A B O R D O

323-7703



PROVEDOR INTERNET
www.abordo.com.br

MINISTÉRIO DAS
COMUNICAÇÕES

 **CORREIOS**
100% BRASIL

 **GOVERNO FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil

Esse pernambucano de Camaragibe, baixinho e magrinho, tem feito muita zoada. Tanta, mas tanta, que já ecoa muito além da periferia. Garnizé é baterista do Faces do Subúrbio e educador. Na periferia de Recife, ele participa de projetos que são modelo nacional

TEXTO E FOTOS DE GABRIEL COARACY



PERIFERIA MOSTRA A CARA!

Como funciona o seu trabalho?

Trabalho em alguns programas da Secretaria de Desenvolvimento Social e Econômico do Município de Camaragibe: o PATA - Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente, que abraça vários projetos, e o Criança Camará, que atende as crianças do lixão de Camaragibe. Eu sou educador de música percussiva e dentro do Criança Camará existem atividades de reforço escolar e lúdicas, para ocupar o tempo ocioso da gurizada de 7 a 17 anos, que mora no município. A intenção maior é trabalhar a questão da auto-estima, a profissionalização, a cultura, o resgate social e íntegro dessas crianças e adolescentes.

Como é a relação música/educação em sua vida como e na vida das crianças?

A educação, assim como a música, é um direito de todos. E nós estamos invadindo a periferia com música e educação. Para você falar de música, você tem que falar de educação. O ritmo e a poesia, no caso do rap, educam e contam a história da periferia. E isso muda a vida das pessoas. Tenho casos de meninos que saíram da criminalidade e viraram agentes multiplicadores dessa minha história. Isso é gratificante, não só para mim, mas para o município também.

Como vocês trabalham as questões sociais na banda, com o público e com a gravadora? Sabemos que há uma resistência por parte das gravadoras quando se trabalham problemas sociais.

Além da diversificação musical, não há como fugir dos temas sociais, pela própria realidade que a gente vive. Viver no subúrbio é muito complicado, cara. Você tem droga fácil, tem arma fácil, tem exploração sexual e isso tudo é cantado nas músicas do Faces do Subúrbio. A nossa música é um alerta para o governo se tocar e começar a fazer alguma coisa, porque não adianta ficar batendo na mesma tecla; eu acho que a gente tem que colocar em prática o que estamos falando. E nós estamos colocando.

“SÓ DEUS SABE SE VOU ME FORMAR HOMEM ASSIM • SEM EDUCAÇÃO, SEM SAÚDE, SEM ORIENTAÇÃO, ENFIM • PRÓXIMO À COVARDIA, DROGAS, JUDIAÇÃO • TENDO A SOBREVIVÊNCIA NA PRÓPRIA LEI DO CÃO”

TRECHO DA MÚSICA **COMO É TRISTE DE OLHAR** • BANDA FACES DO SUBÚRBIO

Como foi para você ser um dos protagonistas do filme “Rap do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas”, que conta a história de dois jovens de periferia, um matador justiceiro e outro músico educador?

Primeiro, eu gosto de falar que o filme não é mais um daqueles que banalizam a violência, tampouco é maniqueísta, que diz que eu sou o bonzinho e o Hélio é o mauzinho. Eu costumo falar que é simplesmente a história de duas pessoas que saíram da periferia para tomar rumos diferentes na vida. Infelizmente, Hélio se enveredou para a vida do crime e matou mais de 66 pessoas e eu enveredei para a música. Eu sempre falo, em relação àquele personagem que aparece no vídeo, que existem milhares iguais a mim no país inteiro e eu fico feliz por ser um dos condutores, um dos protagonistas da periferia hoje.

O que leva uma pessoa a seguir para um lado ou para o outro, no caso da sua realidade? “A culpa é do sistema”?

Eu acho que família e educação são a base de tudo. Se uma pessoa tem uma família equilibrada e uma boa educação, dificilmente, enveredará para o lado do crime, mesmo na periferia. Além da falta de estrutura familiar, eu acho que a culpa é do sistema, que

empurra a gente com a barriga. Na periferia, se você não tiver informação, você é mais um. No caso de Hélio, ele foi mais um. Foi vítima de uma sociedade elitista, burguesa, discriminatória, racista.

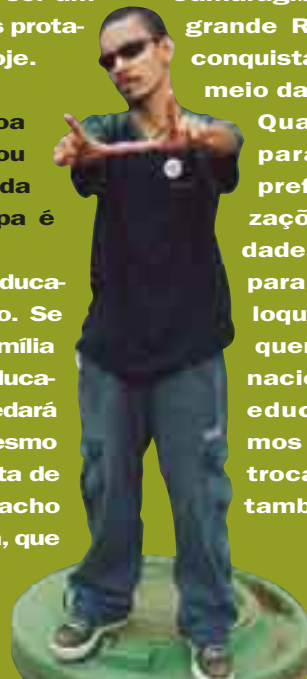
O que fazer quando se percebe que uma pessoa está enveredando para o lado da criminalidade?

Eu acho que o segredo é passar informação, é dar a sua contribuição. Eu estou nessa vida para passar meus conhecimentos e isso faz parte do resgate social. Eu acho que a periferia está precisando de informação. É assim que podemos escrever uma história nossa porque essa história que estamos vivendo é mentirosa.

A história está mudando em Camaragibe?

Camaragibe é um município da grande Recife que conseguiu conquistar vários caminhos por meio da organização popular.

Quando é dado espaço para o povo dentro da prefeitura e nas organizações políticas da sociedade, é dada oportunidade para que o povo fale e coloque em prática o que ele quer. Hoje, somos modelo nacional em saúde e em educação. Nos orgulhamos de estar conseguindo trocar a lata de cola pelo tambor e caneta.



MOCINHOS E BANDIDOS

GABRIELA GOULART

A guerra é a opção burra para resolver os verdadeiros problemas da humanidade.

Não era ficção. Os aviões romperam o céu de Nova Iorque e atravessaram um dos cartões postais da cidade. Pela TV, o mundo assistiu atônito ao espetáculo.

E então a CIA descobriu o inimigo. O terror estava personalizado na figura de um milionário saudita, que colocou toda a sua inteligência e fortuna a serviço de uma base (*Al Qaeda*, em árabe), para retirar os não-muçulmanos do solo sagrado. As palavras de união das sociedades islâmicas, difundidas pelo *Corão*, livro que reúne as profecias de Maomé, foram interpretadas por essa facção como o dever de eliminar quem desafia as leis de Alá.

Sem ver motivos para tanto ódio, intolerância e ousadia, o povo americano exige que o país mais poderoso do mundo saque rapidamente uma resposta. Como num filme de *cowboy*, o presidente texano quer vingança.

E dá-lhe guerra contra o terrorismo. A América denuncia os dogmas desumanos do Oriente, colocando em prática a lei do olho por olho, dente

por dente. O jeito é apagar o inimigo, com uma estratégia cirúrgica, que ataca apenas pontos específicos (e que erra o alvo só de vez em quando, acertando postos de ajuda humanitária, como o da Cruz Vermelha).

Há mocinhos e bandidos neste jogo? Em um extremo e no outro, não há espaço para o diálogo, para o diferente, para o que não se adapta, para o que nem quer se adaptar. Quantas histórias já não colecionamos de agressões aos descendentes de libaneses, sírios, turcos; de delações chamadas de patriotismo, de uma cegueira que esconde a diversidade cultural, espiritual, religiosa do ser humano? Levante a mão quem nunca viu exemplos de exclusão, miséria, discriminação, pequenos terrorismos do dia-a-dia que há tempos deixaram de nos scandalizar.

Optar pela guerra é descartar a reflexão, estimular a cultura da violência, que nos faz retroceder nos direitos humanos, ao invés de aproveitar milhões de dólares e de mentes criativas em busca de soluções para situações cotidianas que deveriam nos causar verdadeiro horror: a desigualdade, a discriminação, a intolerância.

REPRODUÇÃO



GUERNICA

Grito contra a guerra

TAÍS PEYNEAU, COM COLABORAÇÃO DE ANDRÉ TAKASHI YAMANAKA

CURIOSIDADES

A GUERNICA É CONSIDERADA UM PROTESTO ATEMPORAL CONTRA A TECNOLOGIA QUE ESMAGA A VIDA. É FAMOSA A HISTÓRIA, EMBORA NÃO HAJA CONFIRMAÇÃO, DE QUE, DIANTE DE UM ELOGIO FEITO POR UMA AUTORIDADE NAZISTA À SUA OBRA, PICASSO TERIA RESPONDIDO: "A OBRA É SUA!"

Segunda-feira, 26 de abril de 1937. Era dia de feira-livre e a praça de Guernica - cidadezinha espanhola com menos de 7 mil habitantes - estava cheia. Ainda não eram cinco da tarde quando os sinos da igreja deram o alarme.

A Espanha estava em guerra civil há quase um ano e o General Franco, apoiado pela força aérea de Hitler, decidira usar a cidade para um "teste". Alguns locais já tinham sido bombardeados irregularmente, mas qual seria o efeito de bombardeios concentrados?

Em três horas de ataque, a "experiência" deixou 1.654 mortos e 889

feridos, cerca de 40% da população. Foi o primeiro massacre de civis em guerras que a história moderna registrou. O pretexto da ação era a destruição de uma ponte, o que dificultaria o acesso de republicanos. Após as três horas, a ponte continuou de pé.

Todo o terror de Guernica estaria fadado ao esquecimento não fosse por Pablo Picasso. O pintor espanhol dedicou cinco meses à confecção de um imenso painel (3,5x8m) que recebe o mesmo nome da cidade. Picasso abandonou as cores fortes tão características de seu trabalho. A Guernica é monocromática, mórbida e desesperada. A dor foi imortalizada

nos olhos das figuras, a angústia e os pedidos de clemência, em seus gestos. Que dizer do braço decepado que segura uma espada quebrada e uma flor?

A primeira aparição da Guernica foi em uma exposição internacional sobre a vida moderna, em Paris, no ano de 1937. O público virou-lhe as costas. Hoje, porém, tempos de grandes "avanços" em tecnologias e guerras, *Guernica* é considerada uma das obras-primas do século XX e uma premonição estética: anos depois teria início o massacre das populações de Varsóvia, Berlim, Hiroshima e Nagasaki, entre outras.

“TODOS VOCÊS SABEM QUE NA ESPANHA NÓS NOS SITUAMOS COMO MEROS OBSERVADORES DESINTERESSADOS...” (HITLER TRÊS DIAS APÓS O BOMBARDEIO DE GUERNICA)

PRODUZIDO PELA



JOVENS EM BUSCA DA

PAZ

PROJETO CANTO JOVEM INVESTE NA CULTURA DE PAZ ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O adolescente brasileiro não quer só dizer que é o futuro do país. Ele não fica mais de braços cruzados esperando que as decisões e soluções para os problemas do Brasil sejam tomadas somente pelos governantes.

Prova disso foi a *IV Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*, realizada entre os dias 19 e 22 de novembro, em Brasília, sobre o tema da paz. Entre os presentes, a ONG *Canto Jovem* de Natal-RN, criada em 1999 por educadores e jovens, é um trabalho que se destaca quando o assunto é a paz. Nos dois últimos anos, a equipe, em seu Encontro Po-

eguir de Adolescentes (EPA), em parceria com o Programa Nacional Paz nas Escolas, discutiu questões relacionadas ao tema. “É importante o jovem reconhecer que pode ser um agente transformador nessa questão da paz. Primeiro consigo, depois com a família e com a comunidade”, afirmou um dos coordenadores juvenis do *Canto Jovem*, Francesco Rodrix, 22.

O *Canto Jovem* conta com a participação de 89 adolescentes e 30 educadores, todos voluntários, e trabalha com duas linhas bem definidas: a sexualidade e a cidadania. O método utilizado pelo grupo é a educação por

meio da arte. Aulas de canto, teatro, teatro de bonecos, poesia, capoeira, dança, música, poder do toque e o sentido da vida são algumas das atividades desenvolvidas pelos jovens. Segundo Francesco, aproximadamente 900 garotos e garotas participam dos eventos promovidos pelo *Canto Jovem*.

A ONG promove, em uma de suas oficinas de protagonismo juvenil, o passeio da cidadania, no qual os jovens conhecem conselhos tutelares e aprendem mais sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

De acordo com Francesco, que faz parte do grupo desde

sua fundação, todo o trabalho é gratificante, mas ele confessa que às vezes é pego de surpresa e vive experiências nunca imagináveis. “Um adolescente portador de necessidade especial, por exemplo, que antes tinha problemas com auto-estima e dificuldade de se comunicar, hoje já apresenta resultados positivos e mudou o comportamento tanto diante da família, como do grupo em que trabalha. Ele prova a cada dia que é um protagonista como nós”, afirma.

PARCERIA DO CANTO JOVEM
PROGRAMA NACIONAL PAZ NAS ESCOLAS/MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FNUAP – FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE DO ESTADO E MUNICÍPIO E UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CONTATOS PELO TEL: (84) 231-5247
canto.jovem@bol.com.br



Festival de TEATRO NA ESCOLA

GABRIEL COARACY

FOTOGRAFIAS RAYSSA COE

Teatro é busca, expressão, autoconhecimento, dinâmica, desafio. Quem faz teatro se exacerba em sinestesia. E quais os efeitos colaterais disso? O Festival de Teatro na Escola mostra que o teatro integra, educa, informa e mobiliza os estudantes. Desenvolvendo o tema “Arte e cidadania: você é o personagem principal”, professores e alunos promoveram discussões sobre alguns problemas e desafios que vivenciamos.

O Festival foi dividido em dois segmentos. Um deles, patrocinado pela Telebrasília Brasil Telecom, é o Ciclo de Dramaturgia, onde estudantes, professores, artistas e comunidade se reúnem em torno do elemento perene do teatro: o texto. O segundo segmento é “TCO – Telebrasília Celular na Escola Festival de Teatro na Escola”, que já realizou sua segunda edição. Treze grupos de alunos de escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal apresentaram seus espetáculos após quatro meses de ensaio.

Um dos grupos é o *Arte Sagrada*, do CEM 01 do Gama. Coordenado pelo professor Ezequias Andrade, o grupo adaptou o texto “*O Santo e a Porca*”, de Ariano Suassuna. O importante, segundo o professor, é o contato com uma linguagem estética que até então os alunos não tinham acesso. O texto e a marcação são objetos de ensino que fazem com que os alunos se tornem mais seguros e tenham uma melhor auto-aceitação física e psicológica.

Ainda no Gama, mas no CEM 03, o professor Christian Theodore mesclou trechos do filme “*Pulp Fiction*”, de Quentin Tarantino, com a experiência dos próprios alunos. O resultado foi o espetáculo “*Os tomates também são vermelhos*”, que trabalhou a violência de forma bem

humorada. Christian ressalta a importância de um trabalho teatral permanente nas escolas. Além de despertar o aluno para a arte, o teatro desenvolve todos os valores fundamentais para a sua formação.

A partir da constatação de que violência e criminalidade são fatos do cotidiano não só das cidades do DF, mas também do Plano Piloto, o professor Augusto de Souza Neto, do Setor Oeste, montou o espetáculo “*Juventude dos Planos Fora dos Eixos*”.

O grupo mostrou como a realidade de Brasília tem se distanciado cada vez mais da ideia inicial do presidente JK e das visões de Dom Bosco.

Grupos como os dos professores Ezequias, Christian e Augusto extrapolam as fronteiras tradicionais da Escola por meio da arte. “Teatro é ao mesmo tempo autoconhecimento e conhecimento do próximo. É aprender a se revelar com suas limitações, seus ideais, seus sonhos, sua malícia, suas angústias”, afirma o professor Augusto. O professor Christian completa: “o teatro traz a pessoa para a arte, prepara para a cidadania e abre mais uma porta para a sua vida profissional”.



BABA DE QUIABO

REPRODUÇÃO

ANITA CAMPOS, 19 ANOS

Sempre fui uma solteirona invicta. Até que num domingo ensolarado feliz-para-os-outros decidi ir ao cinema. Saí do filme, sentei num café e comecei a escrever uns poemas de dor-de-cotovelo enquanto meu suco não chegava. Como estava demorando demais, levantei-me para ir reclamar e bati a cabeça na bandeja do garçom derramando tudo. Eu já ia xingar o cara quando percebi que ele era um gatão. Começamos a conversar, trocamos telefones e combinamos de nos encontrar na sexta-feira. Depois de muito blá, blá, blá ele me convidou para ir ao seu lugar especial. Comecei a ficar desesperada, procurando algum assunto interessante e quando vou abrir a boca ele pega meu queixo, diz que sou a pessoa mais linda que ele já conheceu e (ai...) me dá um beijo. O vidro do carro começou a embaçar à medida que o clima ficava mais quente. O tesão veio com tudo e começamos a nos despir lentamente. Mãos percorrendo livremente e quando ele começa a pôr o objeto de desejo lá eu disse “Peraí bem, cadê a camisinha?” É fogo interromper esses momentos, mas eu tenho muito amor e respeito por mim mesma. Ele disse que não tinha e, para o meu azar, eu havia esquecido de comprar. Disse então para ficarmos só na brincadeira, com a maior dó do mundo. Ele fez então uma carinha de menor abandonado e insistiu muito, mas muuuuito mesmo,

para eu dar, mesmo assim. Começou a fazer a maior chantagem emocional comigo “você não confia em mim? Você não me ama?” Expliquei que não era uma questão de confiança, e sim de segurança. “Mas a camisinha será como um murro no nosso amorrr...” ele disse me melecando toda. Foi difícil, sério mesmo, resistir aquele bombardeio de baba de quiabo. Daí ele começou a ficar puto da vida e me veio com argumentos sem fundamentos do tipo “camisinha é igual a chupar bala com papel, tira todo o prazer do contato” e “se meu pinto usa touca, ele dorme”. Fiquei confusa. A temperatura já estava a uns 1000°C e... Adivinha o que rolou:

A Fomos a um Sex Shop e compramos um kit bem variado de brinquedinhos e camisinhas. Fiz a festa.

B Transei com ele. Engravidei e ele caiu fora. Hoje ele é hippie e nada em LSD e eu sou estéril por causa do aborto.

C Adiamos a transa para outro dia. Conversamos sobre astrologia e, ao chegar em casa, usei a joaninha amiga (estimulador clitoriano para masturbação).

D Transei e foi ótimo. Não aconteceu nada e achei que essa história de camisinha era balela. Passei a transar sem ela e anos depois me descobri soropositiva.

E Dê a sua resposta!



ESCREVA O SEU CONTO INTERATIVO E ENVIE PARA O RADCAL!

Fundação Athos Bulcão • SAN Quadra 01 Bloco E • 70041-904 Brasília-DF
fundathos@fundathos.org.br